

Imigração e arte: o acúmulo de documentos e objetos como forma de construção de si

Patricia Reinheimer*

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: Nas décadas de 1930 e 1940 o Brasil recebeu uma leva de migrantes alemães judeus fugindo da ascensão do nacional socialismo ao poder. A entrada desses migrantes de guerra mudou a paisagem intelectual brasileira. A chegada a um novo mundo é também o encontro com o vazio de uma identidade a ser redescoberta. Nesse trabalho investigo o processo de constituição de um acervo de documentos e objetos como forma de construção de uma identidade migrante. A coleção de Olly e Werner Reinheimer, alemães migrados para o Brasil na década de 1930, é o campo empírico para observação das negociações identitárias entre a memória inscrita nos documentos acumulados e nas pessoas entrevistadas e as memórias coletivas que se cristalizaram em livros, documentários e arquivos públicos.

Palavras-chave: Moda, arquivo pessoal, coleção Olly e Werner Reinheimer.

Abstract: In the 1930s and 1940s Brazil received a wave of German Jewish immigrants fleeing the rise of National Socialism. The entry of these migrants from war changed the Brazilian intellectual landscape. The arrival of a new world is also the encounter with the void of an identity to be rediscovered. In this work we intend to investigate the formation process of documentary collections and collections of objects as a way of building a migrant identity. The Collecting is seen as a metaphor to describe the process through objects subjectivity and the relationship with the society in which they settled. This will be done from the documents and collections of the couple Olly and Werner Reinheimer, Germans migrated to Brazil in the 1930s.

Keywords: Fashion, Personal archive, Olly and Werner Reinheimer collection.

* Professora de Antropologia Social da UFRJ

Introdução

Esse artigo é uma primeira incursão pelo acervo do casal Olga e Werner Reinheimer a partir do viés da etnicidade e da ideologia política. Trata-se de um dos primeiros resultados do projeto “Olly e Werner Reinheimer: moda, arte e política. Do arquivo pessoal ao patrimônio nacional”¹, que tem como um de seus objetivos transformar os registros documentais acumulados pelo casal em fonte de pesquisa, dotando-os de uma ordem que permita sua consulta, e a constituição de um banco de dados digital para acesso público e gratuito.

Segundo Halbwacs, “é depois da morte de alguém que a atenção dos seus se fixa com maior força sobre sua pessoa. É então também que sua imagem é menos nítida, que ela se transforma constantemente, conforme as diversas partes de sua vida que evocamos. Em realidade, a imagem de um falecido nunca se imobiliza. À medida em que recua no passado, muda, porque algumas impressões se apagam e outras se sobressaem, segundo o ponto de vista de onde a encaramos, isto é, segundo as condições novas onde ela se encontra quando nos voltamos para ela” (1990: 74).

Segundo Halbwacs, para ser atualizada, a lembrança necessita de um grupo de pessoas que atualizem a identificação do passado. Ou seja, para este autor, é o apego afetivo que dá consistência às lembranças. A relação entre memória e identidade já foi apontada por vários autores (Weber, 1983, é só um dos exemplos). Os grupos buscam reconhecimento no espaço público através da reinterpretação do passado e reconstrução de valores, mantendo a memória viva como forma de escapar ao silêncio e à invisibilidade.

A relação entre as memórias individuais e coletivas são tênues, pois as reconstruções de nossas memórias se efetuam por linhas já demarcadas e delineadas por nossas lembranças e/ou pelas lembranças de outros. A partir das lembranças de outros um novo quadro enriquecido se enraíza e encontra seu lugar. Passamos então a ter dificuldade em distinguir nossas lembranças originais.

Nesse sentido, quanto mais pessoal as lembranças, mais instáveis elas são. Quanto mais oficiais e calcadas em objetos da cultura material, mais estáveis. Os arquivos são assim importantes fontes de produção de discursos. No entanto, é necessário estar atento para não se cair no lugar comum de imaginar que se encontra nos documentos o passado.

¹ O projeto foi patrocinado pelo CNPq, através do edital Universal, 2013.

Como alerta Heynemann (2012), olhar para os documentos acumulados e reunidos por indivíduos deve levar em consideração as condições dessa acumulação e guarda, ou seja, quem, como, para que e em que contextos específicos se tornou possível construir um conjunto documental com pretensões de se tornar um arquivo pessoal?

É assim que procuro olhar para alguns processos sociais que tornaram possível a coleção aqui investigada, procurando dar “visibilidade às narrativas produzidas em torno e por meio desses artefatos” (Heynemann, 2012: 11). Nesse sentido, as interferências são tão conformadoras de sentido, quanto os próprios atributos dos documentos e dos atores com eles envolvidos.

O nazismo e a imigração para o Brasil

Olga Helene Blank nasceu em 28 de janeiro de 1914, em Mittweida², na Saxônia. Filha de Chaja Blank, uma judia russa, Olga Blank só conheceu o pai húngaro, Ladislao Laslo Vamos, em São Paulo. A família se mudou para Berlim, na década de 20, onde Chaja Blank casou-se com Werner Hasenberg e teve dois filhos, Erika e Egon. Ao que tudo indica, Olga ficou morando com a avó russa, Sofia Blank, ainda por algum tempo antes de seguir a mãe.

Provenientes de uma classe média, a família não sofreu intensamente as amarguras da crise econômica pela qual passava a Alemanha no período entre guerras. Werner Hasenberg tentou uma vaga na universidade de Berlim como professor de engenharia. Já tinha livros publicados e reconhecimento profissional. No entanto, seu pleito foi negado por sua origem étnica. A percepção do crescimento do nacional-socialismo e a emergência do que viria a ser o Terceiro Reich levou-os a optar pela emigração. Em 1935 Chaja, Werner, Erika e Egon partiram da Alemanha para o Rio de Janeiro com um convite de trabalho da Phillips, empresa holandesa.

Olga ficou encarregada de se desfazer dos bens familiares, vindo encontrar com a mãe, o padrasto e os irmãos um ano depois. Em 1938, Olga e Chaja foram para São Paulo, onde se supõe que tenha conhecido Werner Siegfried Reinheimer, alemão judeu que migrara, em 1935, por motivos similares. Olga adotou então o sobrenome do marido passando a chamar-se Olga Helene Reinheimer.

² Coincidentemente, ou não, Mittweida foi um dos principais produtores têxteis da Saxônia até o final do século XX.

Provavelmente, tanto a conveniência quanto o amor fizeram com que Werner Reinheimer e Olga Blank se casassem em 1939. Nesse ano o passaporte de Werner já estava vencido e em 1941 ele deu entrada no pedido de renovação do mesmo. O documento inválido aparece inteiramente carimbado com o J, de judeu, o que denota que sua etnia era, no Brasil também, uma possibilidade de constrangimento.

A solicitação pode ter ocorrido quando ele tentou transformar sua residência temporária em permanente, já que, para tanto, era necessário a apresentação de documentos alemães válidos. A permanência lhe foi concedida. Rene, filho único do casal, nasceu em 1940. Ter um filho nascido no Brasil mudava o status dos cônjuges, que paravam de sofrer a ameaça de expulsão e ganhavam quase automaticamente a residência permanente.

Em 1983, Werner escreveu um artigo sobre sua chegada ao Brasil. O ensaio não é tomado aqui como uma evidência do que esse judeu alemão provavelmente sentiu quando chegou ao seu novo lar. Elaborado cinquenta anos depois do evento descrito, o artigo foi produzido para ser publicado em um jornal de sua cidade natal, Pforzheim, na ocasião de um encontro entre antigos moradores judeus refugiados do nazismo durante ou imediatamente antes da Segunda Guerra.

Na descrição, Werner usa a travessia oceânica como ritual de transição para o novo mundo no qual desembarcaria. Segundo ele, após longas semanas em um navio, fugindo de uma situação caótica, depararam-se com um lugar onde tudo era diferente. As pessoas *“tinham tempo para uma brincadeira”*; a música, produzida através do simples batucar em caixas de fósforos, era presença constante; *“as meninas e mulheres não marchavam, elas se locomoviam quase dançando”*; as cores eram vivas e ninguém tinha *“vergonha de (...) vesti-las”*. Uma época em que o *“Rio era uma cidade grande, mas não uma metrópole que suga as pessoas do campo em sua nova função, (...) bem antes de começar a especulação imobiliária”*³.

Levar em conta essa ocasião e a trajetória do casal no Brasil ajuda a compreender a descrição de uma terra benevolente, onde a música, a sensualidade e as cores são destacadas. Contribui também para a compreensão do acúmulo de documentos que permite essa investigação.

³ Werner Siegfried Reinheimer, Mimeo. RJ, 1983. Acervo Olly e Werner Reinheimer (esse acervo está sendo organizado e será digitalizado e transformado em um banco de dados a ser disponibilizado para consulta pública e gratuita).

Até a década de 1950, Olga tinha se dedicado à família e às tarefas domésticas. Nos escritos deixados por ela, diversas vezes menciona o fato de ter optado por fazer ela mesma essas tarefas. Seyferth, que se dedicou a compreender a imigração alemã para o sul do Brasil no final do século XIX e início do XX, a construção identitária desses imigrantes e as relações interétnicas a partir das quais estas se constituem em situações sociais e históricas distintas, interpreta discursos como esse sob a perspectiva da etnicidade, ainda que ele possa ser lido a partir da ética protestante, do espírito do capitalismo e da dimensão de gênero.

Assim, se por um lado, o incômodo por parte dos brasileiros com o fato de que, entre os alemães, mesmo as “mulheres mais finas” fizessem os serviços domésticos, se refere à estrutura social de proveniência desses imigrantes, que não era devedora do sistema escravista, por outro, a produção de identidades étnicas e de gênero fazia com que as mulheres alemãs fossem consideradas por elas mesmas, comparativamente às nacionais, mais “limpas” e “organizadas”⁴ (Seyferth, 1997).

No entanto, no caso do casal em questão, há ainda uma terceira possibilidade que não exclui nenhuma das anteriores: na década de 1950, ainda não sabemos exatamente em que ano, Olga iniciou cursos de cerâmica com Margaret Spence, fundadora, junto com Augusto Rodrigues da Escolinha de Artes do Brasil. Essa escola tinha como fundamento o conceito de *liberdade expressiva*, de Herbert Read, que priorizava a noção de criatividade espontânea em detrimento do ensino formal de arte.

Olga nunca tinha feito cursos de arte. Sua “sensibilidade” era afinada com as pretensões político-estéticas de um grupo de intelectuais, que despontaria nas décadas seguintes como fundamental para a estruturação de um novo sistema de valores a partir do qual classificar produções e produtores artísticos. Isso contribuiu para criar as condições de possibilidade para que Olga construísse para si uma reputação no mundo artístico⁵. Foi assim que ela assumiu o pseudônimo Olly⁶, quando a dimensão profissional ganhou prerrogativa na sua identidade. Os escritos acerca das tarefas domésticas podem assim estar relacionados a uma tentativa de

⁴ Voltarei a esse tema, se não aqui, em outro artigo, pois isso aparece com clareza nos discursos de Olga.

⁵ Em outro artigo procurarei esmiuçar que mundo artístico é esse do qual falamos em relação a Olly. Para a finalidade desse artigo, proponho usar o termo da forma como Becker o formulou, isto é, a partir das formas de cooperação entre os diferentes profissionais envolvidos na produção dos bens que caracterizam esses mundos (1982).

⁶ Como esse artigo versa sobre outras questões que não o trabalho artístico de Olga, optei ao longo do mesmo pelo uso de seu nome, ao invés do pseudônimo. Somente nas fotos de seus trabalhos uso seu nome artístico, Olly. Esse nome artístico ela foi buscar no apelido de infância, usado em família.

justificar sua ênfase na dimensão profissional mostrando que, em compensação, no passado, sua dedicação tinha sido à vida doméstica. Ainda que isso não exclua a relação desse discurso com o espírito do capitalismo e uma identidade étnica alemã⁷, ou que, o fato de ter se tornado uma artista, a tenha isentado de todas as tarefas domésticas.

Essa atividade artística esteve profundamente relacionada à noção de identidade cultural. Em 1962, apresentou um trabalho colorido baseado na fauna e na flora brasileiras e outra linha de trabalho baseada em trajes folclóricos de diversos países, em tons terra, onde unia a gravura e a pintura sobre tecido. Trabalhando a técnica do batik, explorou composições com xilogravuras diretamente sobre o pano, usando a literatura de cordel e as festas populares como referência. A economia de formas da gravura cordelina e os temas cotidianos terão reflexo na exposição que, anos depois, ela intitulou “Bumba-meu-boi”.

Ao longo de sua trajetória, diversos foram os investimentos do casal na história social de povos ditos tradicionais, sociedades camponesas e em algum conhecimento antropológico de sua época. Esse investimento pode ser constatado através dos títulos constantes na biblioteca no casal: Maíra e O povo brasileiro (ambos de Darcy Ribeiro), Antes o mundo não existia: a mitologia heroica dos povos desana (com introdução de Berta Ribeiro), O caráter nacional brasileiro (Dante Moreira Leite), Austrália – pinturas aborígenes – terra de Anaheim, African Art, entre outros.

Além desses investimentos em construções identitária, “primitivismo” e nacionalismo, seu trabalho era destacado pelo uso das cores. Sua “sensibilidade cromática” é ressaltada por quase todos que conheceram sua obra. Uma das formas de se perceber esse uso estava nas roupas produzidas para bebês, onde ela utilizava cores vibrantes e não pastéis, como convencionalizado (Reinheimer, 1998).

Portanto, a descrição que Werner faz de sua chegada ao Brasil é a reconstrução de uma memória que contrastava com uma guerra no passado (Werner nascera em 1912, ou seja, passou pela primeira infância durante a primeira guerra), uma crise econômica e o início do que viria a ser um dos regimes mais sangrentos dirigidos justamente contra o povo do qual ele fazia parte com o sucesso artístico de sua esposa, que incluía uma reflexão acerca da identidade

⁷ Uma vez que se imigra, qualquer cidadão nacional pode ser tomado como parte de um grupo étnico. Um cidadão alemão no Brasil pode ser considerado, e/ou considerar-se, dependendo do contexto, parte de uma comunidade étnica alemã. É nesse sentido que Sílvio Romero se refere aos alemães do sul do Brasil como quistos étnicos, por não se assimilarem aos nacionais (cf. Seyferth, 1993 e Bahia, 2002).

nacional brasileira (que esteve nesse período relacionada de formas variadas à sensualidade da mulher brasileira, à música e ao futebol⁸) e a outras identidades sociais e o uso de um sistema cromático peculiar, especialmente se comparado às cores que aparecem na arte e na moda alemã (dimensões que dizem respeito ao casal aqui em questão).

O artigo escrito por Werner então pode ser tomado como a materialização do processo de reconstrução da experiência vivida no passado, a chegada ao Brasil, como uma memória que condensa diversas experiências posteriores e romanceiam o que deve ter sido também uma experiência traumática⁹.

Diga com quem andas que te direi quem és: intelectuais, militantes políticos e elite econômica

Diversos autores apontam para o antissemitismo que vigorava no período entre 1930 e 1945 (Carneiro, 1988; Lesser, 1995; Cruz, 2009), período em que Olga e Werner chegaram ao Brasil. Outros autores já questionaram essa leitura, mostrando como na prática o discurso de certa elite e do governo brasileiro não teve maiores consequências na vida sociocultural (Sorj, 1997 e Cytrynowicz, 2002). Ao realizar uma análise do judaísmo visto a partir do viés da etnicidade, Cytrynowicz apresenta-o como possível metonímia para a assimilação desse grupo à identidade nacional brasileira.

É nesse período que esse autor identifica a formação de uma identidade judaico-brasileira e a constituição de uma comunidade etnicamente ativa. Ainda que o preconceito e a perseguição não devam ser ignorados, segundo Cytrynowicz, eles não parecem ter sido, no Rio de Janeiro e São Paulo, a marca dominante da vida dos imigrantes naquele período, em comparação com diversos outros lugares¹⁰.

⁸ Uma das histórias que Werner narra no artigo é sobre sua primeira ida a um jogo de futebol. Na ocasião ele portava um chapéu panamá que, na hora do gol, foi arremessado por algum torcedor entusiasmado, sem que seu proprietário tivesse tempo de impedir.

⁹ Na forma de anedotas, Werner tinha formalizado diversos exemplos de dificuldade de comunicação em um idioma estrangeiro. Muitas anedotas podem não estar referidas a sua própria experiência, mas falam das angústias pelas quais passam os imigrantes e refugiados. O humor era assim, uma forma de lidar com essa angústia, falando dela com frequência, ainda que para rir e fazer rir dela.

¹⁰ Seyferth discute a campanha de nacionalização, mostrando como a ênfase desse investimento estatal foi nos estados do sul do Brasil (1988, 1995, 2002), com pouco reflexo no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Temos poucas informações sobre o período inicial de estabelecimento de Olga e Werner no Brasil¹¹. No entanto, sabemos que depois de superar as barreiras legais e políticas para a sua entrada, os dois moraram por um curto período de tempo em São Paulo e se mudaram de volta para o Rio depois do casamento, em 1939. Werner se associou com Giannini Acherinto, produtor de vinhos de descendência italiana, cuja família chegou ao Brasil na grande migração do final do século XIX.

Segundo Cytrynowicz, “os anos entre 1937 e 1945 foram anos de oportunidades de ascensão econômica para imigrantes em São Paulo e no Rio de Janeiro, e em outros centros, com ocupações urbanas, profissões liberais e ofícios especializados, que encontraram oportunidades profissionais e comerciais diante da acelerada urbanização, da industrialização, das atividades de comércio, perante as restrições às importações, e das possibilidades de desenvolvimento abertas na indústria e no comércio locais” (2002:407).

Seyferth (1977) mostrou, através dos estudos sobre imigração alemã, como a manipulação dos estereótipos fazia com que os grupos sociais fossem vistos de forma diferente dependendo do contexto social, histórico e político. Assim, judeus urbanos com alguma formação podiam em diferentes circunstâncias ser vistos como interessantes para a formação nacional. A proposta da sociedade para comercialização de vinho talvez tenha sido o que fez com que o casal voltasse para o Rio de Janeiro.



Foto 1: Olga está sentada na balastrada e Werner é o quarto da direita para a esquerda. A foto é de 1939, tirada em São Paulo, na época do casamento do casal. Infelizmente, não temos informação quanto aos outros personagens da foto. Acervo Olly e Werner Reinheimer.

¹¹ A pesquisa está contando não somente com o acervo do casal, mas também com informações de parentes e amigos e outros acervos de pesquisadores e instituições.

Antes de vir para o Brasil, Werner pertenceu ao Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands - SAPD). O partido, fundado em 1931, constituía parte de uma frente antifascista que desempenhou importante papel na resistência ao nacional-socialismo. A partir de 1933, o partido funcionou na ilegalidade e Werner, como grande parte de seus membros, participou da resistência antifascista.

Em 1936, a maioria dos associados já tinha emigrado e aqueles que permaneceram na Alemanha foram levados para prisões ou campos de concentração. O passaporte, retirado em 19 de novembro de 1934, indica que Werner entrou no Brasil em 17 de novembro de 1935, saindo de Bordeaux, na França, em 4 de novembro. O filho do casal menciona um aviso do SAPD sobre o fato da polícia alemã estar a sua procura e o assassinato daquele que assumiu suas atividades, em seguida à sua saída da Alemanha¹².



¹² Essa história é contada no livro Die Jüdischen Mitbürger der Stadt Pforzheim, Gerhard Brändle, Pforzheim, Auslage, 1985.



Fotos 2 e 3: desfile do Partido Socialista dos Trabalhadores da Alemanha (Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands - SAPD), com a participação de Werner. 16 de julho de 1932. Acervo Olly e Werner Reinheimer.

Ao que tudo indica, na década de 1940, o casal estava envolvido com a sobrevivência e a construção da família. O acúmulo de diversas cartas de Rene, escritas para um ou ambos os pais, por ocasiões de viagens, como únicos documentos acumulados dessa época, pode ser indício da ênfase nessa dimensão da vida social. A ausência de missivas de familiares de ambos pode ser indício também de um rompimento com o passado e a construção de uma nova identidade social.

Esse rompimento aparece de outras formas em outros familiares relacionados à Olly (ainda não conseguimos na pesquisa identificar sobreviventes da família Reinheimer). Erika Hasenberg, irmã de Olga rompeu com sua identidade nacional, adotando definitivamente o Brasil como nacionalidade. Rompeu ainda com o judaísmo, adotando o catolicismo como religião. Egon Hasenberg, irmão de Olga, rompeu com o judaísmo, sem assumir nova religião. Os filhos de ambos foram educados, assim como o filho de Olga e Werner e os netos desses, sem nenhum vínculo religioso. Egon, assim como Olga, distanciou-se da família ascendente. Ainda que esses dados possam indicar o relacionamento difícil de uma família constituída nos albores do século XX com contornos que se tornariam socialmente aceitos somente um século depois, eles

também falam das dificuldades vividas na imigração continuada de todos eles e seus parentes ascendentes.

Na década de 1950, Olga deu início ao investimento no aprendizado de técnicas artísticas. É sobretudo a partir desse período que se acumulam os documentos textuais, além das fotografias e documentos de identidade (passaportes e carteiras de trabalho), ainda que haja diversos documentos oficiais de períodos bem anteriores no acervo do casal.

Não há registros de que Werner tenha participado de movimentos políticos no Brasil. No entanto, há registros de sua relação com diversas pessoas que constituíam parte de uma esquerda brasileira, assim como o discurso de todas as pessoas que o conheceram de sua simpatia pelo comunismo. Algumas das personalidades que fizeram parte dessa rede de relações foram: Adão Pereira Nunes e Alaíde Pereira Nunes¹³, Luiz Carlos Prestes, Darcy Ribeiro, Leonel Brizola, Jorge Amado, Oscar Niemeyer.

A trajetória de Olga no campo artístico foi de rápido reconhecimento. Presumindo que seu primeiro curso de arte tenha sido em 1950¹⁴, três anos depois, em 1953, participou do II Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro e em 1954 ganhou o prêmio aquisição para cerâmica, na terceira edição desse Salão¹⁵. Ao longo dessa década, participou de várias exposições coletivas no Rio de Janeiro e em São Paulo e, em 1960, realizou sua primeira exposição individual, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No catálogo dessa primeira individual, teve seu trabalho apresentado por Mário Pedrosa e Jayme Maurício, jornalistas e críticos da coluna de artes do Correio da Manhã.

Ainda que não se saiba como e em que época Werner começou a formar essa rede de relações que se vinculava ao pensamento político-ideológico de esquerda, a hipótese, sugerida pelo filho do casal, é de que o ingresso de Olga no campo artístico provavelmente tenha se dado através daqueles contatos. O fato de Werner ser comunista aproximava-os de parte importante dos militantes políticos e intelectuais brasileiros do período.

Esses mesmos intelectuais de esquerda constituíam ou estavam em contato com uma parte da elite econômica. Mário Pedrosa, por exemplo, que passara a década de 1950

¹³ Em 1935 Adão Pereira Nunes já militavam na Aliança Nacional Libertadora, os dois foram perseguidos durante a ditadura e ajudaram a fundar o PDT.

¹⁴ Todos os seus currículos e comentários falam da década de 1950, sem especificar ano e ainda não verifiquei essa data, em outros arquivos.

¹⁵ Os prêmios são uma das formas de observação da ascensão de uma carreira artística ao reconhecimento formal.

construindo uma nova forma de falar sobre arte no Brasil, tornou-se em 1960 diretor do MASP, museu de Assis Chateaubriand. No início de sua carreira jornalística, Pedrosa escrevera um artigo sobre Heitor Villa Lobos no qual elogiava o trabalho do músico a partir de um critério nacionalista baseado no racismo.

Se do ponto de vista político Werner acreditava no internacionalismo, em seu trabalho artístico, Olga, assim como os intelectuais e produtores de arte com os quais começara a se envolver a partir da década de 1950, produziam cultura a partir de um viés nacionalista que exaltava as especificidades locais e/ou nacionais em detrimento de um suposto universalismo definido em grande medida pelas regras dos mercados (musical, artístico, moda, design etc.). Paulinho da Viola e Maria Betânia foram alguns dos nomes que frequentaram a casa do casal.



Fotos 4: Maria Betânia, s/d. Essa roupa criada por Olly fazia parte de uma linha de vestimentas denominada Carajá, que era influenciada pelas pinturas corporais indígenas. Acervo Olly e Werner Reinheimer.

Foto 5: Maria Betânia, s/d. Roupa criada por Olly, com estrela de Davi como complemento. Acervo Olly e Werner Reinheimer.

A referência ao judaísmo não deixa de existir e talvez seja a partir do viés da particularidade étnica que deva ser lido. A fronteira que marca o limite entre aqueles que defendem o sionismo e aqueles que são críticos a ele não coincide com os limites entre aqueles que acionam ou não o judaísmo como categoria étnica. Tanto quanto um sentimento fundado na noção de origem e

disposições sentidas subjetivamente, a etnicidade é também um dispositivo político (Weber, 1983). Na década de 1980, Werner era crítico em relação à política do governo de Israel, principalmente no que se refere à relação com os palestinos. No entanto, em 1983 esteve em sua cidade natal, Pforzheim, em uma reunião de antigos companheiros de partido. Desse encontro trouxe, entre outras lembranças, uma foto da entrada do cemitério judaico local.

Joana Bahia mostra a partir da investigação dos boletins da Associação Sholem Aleichem - ASA, da qual o filho e os netos do casal Olga e Werner participaram de distintas formas, como a construção de um judeu-brasileiro, assimilado ao país de acolhimento, pode ser compreendida a partir do posicionamento político de rejeição às violações dos direitos humanos por parte do Estado de Israel e da luta pelos ideais libertários, no Brasil (Bahia, 2007).

No caso de Olga e Werner, a etnicidade é tanto alçada a categoria de instrumento político de diferenciação, como dispositivo de inserção do judaísmo na diversidade cultural nacional. Trata-se não somente de uma construção de si, mas também a apresentação de valores, traduzidos esteticamente, para o contexto nacional. É assim que a estrela de Davi aparece (ver foto 5) como complemento de uma roupa que parece simular a ideia de modernidade e cosmopolitismo.

Enquanto a brasilidade é representada pelas cores da flora e da fauna – no acervo do casal, diversos esboços e textos sobre a fauna e a flora são provavelmente a base para a criação de roupas que aparecem nomeadas em slides, fotos e outros documentos como flores, pássaros etc. –, pelas festas folclóricas como o bumba-meu-boi e pelas pinturas corporais carajá, a cultura judaica é representada pela racionalidade das linhas retas, das cores sobreas, das formas geométricas e a modernidade expressa na sensualidade do comprimento da saia.

Judaísmo e distinção étnica

A identidade étnica judaica se constrói no cotidiano a partir das festas, rituais, música, culinária entre outros, mas a diáspora e o sofrimento são o que constroem as fronteiras entre esse e outros povos. O caráter de universalidade desse tipo de construção pode ser percebido mesmo em textos que procuram mostrar a diversidade de posicionamentos políticos. É assim que Bahia (2007) e Lourenço Neto (2008) sugerem que o principal marco identitário entre a comunidade judaica formada no Brasil é a opção política e não a proveniência nacional, sendo a opção política que determina as redes de sociabilidades. Ou seja, uma unidade acima da

nacionalidade identifica as pessoas com base no sentimento de um passado comum de sofrimento, ainda que haja distinções políticas.

Segundo Cytrynowicz, a invenção de uma identidade judaico-brasileira, ou brasileiro-judaica, foi constante a partir da década de 1910, quando da formação da “colônia israelita” em São Paulo. Uma identidade hifenizada era “adequada como resposta a uma sociedade que discutia intensamente, entre os anos 1920 e 1940, seu caráter nacional, homogeneidade étnica, projeto nacional, imigração e povoamento, sob um enquadre nacionalista e xenófobo. O que se chama de “questão nacional” passou a ser um tema onipresente nas discussões intelectuais e políticas do País desde os anos 1920, seja na tradição da direita seja na da esquerda” (2002: 417).

Para Lesser (1995), a história dos judeus e do anti-semitismo no Brasil não se sobrepõem, já que os discursos e mecanismos de restrição estavam voltados para a entrada de novos imigrantes, mas não interferiam efetivamente com a vida daqueles que viviam no país. Se no exterior, os judeus eram considerados semitas, não-europeus e, portanto, indesejáveis, no Brasil, eles eram brancos e não negros e, portanto aceitáveis em uma sociedade cujo ideal era o do branqueamento. No entanto, a memória de vitimização tem sido uma das formas de construção de uma identidade étnica universal, por oposição às particularidades nacionais (Sorj, 1997).

Cytrynowicz mostra ainda que, “com destemor e efervescência institucional, social, econômica e cultural, em um momento de mobilidade social dos imigrantes, os judeus sedimentaram a identidade de uma comunidade que deixou de “se considerar imigrante e “estrangeira” para se afirmar judaico-brasileira, com questões ideológicas e práticas distintas” (2002: 417).

No entanto, as atitudes frente a essa distinção étnica não são unívocas. Bahia argumenta que, na década de 1940 criou-se no interior do Partido Comunista um setor judaico como forma de mobilizar os judeus, mas também de proteção contra a perseguição antisemita no país. Entretanto, alguns militantes judeus preferiram não aderir a essa formalização, mantendo sua identidade étnica separada da militância política.

Assim como qualquer outra identificação, os atores acionam situacionalmente o fato de serem ou não judeus. Uma anedota que já faz parte das representações daqueles que se pretendem assimilados também constituiu parte da memória de Olga, judia-teuto-brasileira.

Assim, o artista plástico, e amigo de Olga, Sérgio Campos Mello (1999) contou que:

Apesar dela ter aquele sotaque carregado, ela era muito mais chegada a isso aqui [o Brasil] do que a qualquer outro país. Eu me lembro que uma vez um amigo meu perguntou:
— ... Mas você é de onde?

- Eu sou *brrasileirra!* (ela tinha um sotaque carregado)
 - Sim, mas você nasceu aonde? E ela disse:
 - Escuta aqui, eu sou muito mais brasileira que você. Eu escolhi esse país, você nasceu aqui por acaso.
- Essa era a maneira dela de afirmar sua posição e seu apego pelo Brasil.¹⁶

Olga naturalizou-se em fevereiro de 1962. A coleção de documentos e objetos que legou aos seus descendentes conta em parte a história do processo de construção dessa identidade.

Qualquer construção de identidade é sempre subsidiada por um processo de manipulação da memória. A memória, por sua vez, é resultado da articulação social. O passado assim só se torna compreensível a partir de práticas e construções sociais do presente. Portanto, a memória só pode ser compreendida a partir de processos interativos, práticas reflexivas e construções sociais.

Os documentos do acervo então, precisam ser interpretados para contarem sobre o passado. A preservação de correspondências e documentos cotidianos é assim, como já apontou Halbwachs (1990), uma forma de lutar pela liberdade e contra as construções arbitrárias da “história”.

No entanto, para ganharem significado, esses documentos precisam ser apreciados como parte de um sistema classificatório, no qual desempenham em parte o papel de formação de subjetividades, contribuindo para a constituição das identidades. É nesse sentido que o colecionamento ganha o status de uma metáfora privilegiada para descrever o processo de representação de si, tanto quanto do outro. Os objetos materiais remetem à memória do vivido, reconstruindo sua própria subjetividade e sua relação com a sociedade que a acolheu. Essa metáfora coloca ênfase no caráter parcial da representação, já que uma coleção jamais atinge sua totalidade (Gonçalves, 2007).

Como ressalta Gonçalves, “partindo-se do pressuposto de que sempre nos colecionamos a nós mesmos”, quando colecionamos selecionamos os objetos e documentos da coleção a partir de valores estéticos, políticos e epistemológicos. Olga e Werner construíram uma coleção de documentos pessoais que apresenta o processo de produção de uma identidade que procura se apresentar como parte da diversidade cultural brasileira a partir de seu pertencimento étnico assimilado ao contexto cultural brasileiro. O vazio que deve ter se produzido ao abandonar seu

¹⁶ Entrevista concedida em 14 de julho de 1998 à Patricia Reinheimer, por ocasião da pesquisa de graduação em artes visuais.

país de origem devido ao contexto social, político e econômico europeu foi preenchido com a produção de uma identidade judaico-brasileira que celebrava o pertencimento à diversidade étnica e natural brasileira.

Referências

- BAHIA, Joana. "O PERIGO ALEMÃO". BREVE RELATO DE UM CONFLITO ÉTNICO IN ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO. ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO. RIO DE JANEIRO, TEMPO BRASILEIRO, 2002
- _____. De como os Ethnic Brokers fabricam seus demarcadores históricos e identitários In Associação Nacional de História – ANPUH - XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007
- BECKER, H.S. Art Worlds. Los Angeles, University of California Press, 1982.
- BRUM, Eliane. Os novos "vândalos" do Brasil. <http://www.geledes.org.br/em-debate/colunistas/22538-rolinhos-o-que-estes-jovens-estao-roubando-da-classe-media-brasileira-por-eliane-brum> 23 DEZ 2013 - 09:51BRST. Acessado em 20 de fevereiro de 2014.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945). Editora Brasiliense, São Paulo, 1988.
- CRUZ, Natália dos Reis. A imigração judaica no Brasil e o anti-semitismo no discurso das elites. Política e Sociedade. Volume 8 – Nº 15 – outubro de 2009. p. 225 – 250.
- CYTRYNOWICZ, Roney. Além do Estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 393-423. 2002.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios / José Reginaldo Santos Gonçalves. - Rio de Janeiro, 2007.
- HALBWACCS, Maurice. *A memória coletiva*. Edições Vértice, São Paulo, 1990 [1950].
- HEYNEMANN, Luciana Quillet. O lugar do arquivo: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro, Contra-cap/Faperj, 2012.
- LESSER, Jeffrey. O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito. Editora Imago, Rio de Janeiro, 1995.
- LOURENÇO Neto, Sydenham. Imigrantes Judeus no Brasil, marcos políticos de identidade. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 14, n. 2. p. 223-237, 2008
- SEYFERTH, Giralda. A singularidade germânica e o nacionalismo brasileiro: ambigüidade e alotropia na idéia de nação In Bastos, Cristiana; Almeida, Miguel Vale de; Feldman-Bianco, Bela. (coord.) *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Imprensa de Ciências Sociais, Lisboa, 2002.
- SEYFERTH, Giralda. A imigração alemã para o Brasil: Uma revisão bibliográfica in *BIB*, Rio de Janeiro, n.25, PP 3-55, 1988.
- SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos in *Anuário Antropológico*, 1993.
- SEYFERTH, Giralda. Assimilação dos imigrantes como questão nacional In *Mana*, volume 3, número 1, abril de 1997.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica numa comunidade teuto-brasileira do vale do Itajaí. Revista do Museu Paulista, nova série, volume XXIV, 1977.
- SEYFERTH, Giralda. Identidade, território e pertencimento In *Psicologia e práticas sociais*, v.2, n.1, 1995.
- SORJ, Bernardo. Sociabilidade Brasileira e Identidade Judaica. Sorj, Bila. (org). Identidades judaicas no Brasil contemporâneo. Editora Imago. Rio de Janeiro, 1997.
- WEBER, Max. Comunidades étnicas In *Economia e sociedade*. Esbozo de sociologia compreensiva. Fondo de Cultura Económica, México, 1983.

VIS

Revista do Programa de Pós-graduação em Arte da UnB

Artigo recebido em abril de 2014. Aprovado em junho de 2014